

Idade não detém caminhada de d. Hélder

LUIZ RICARDO LEITÃO

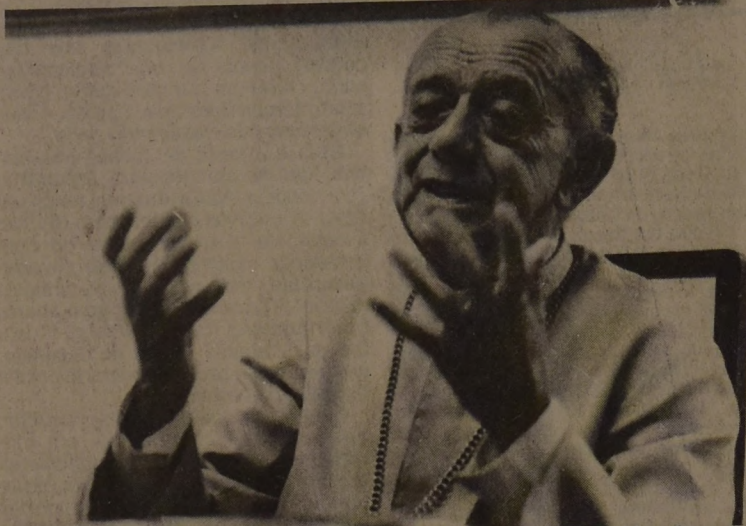
Especial para a "Folha"

Sem alarde, como convém aos humildes, o arcebispo de Olinda e Recife, dom Hélder Câmara, comunicou pessoalmente João Paulo 2.º, no dia 8 passado, que no próximo 7 de fevereiro estará completando 75 anos. A idade é o limite consensualmente acordado no Concílio Vaticano 2.º, para que os bispos tomem a iniciativa de se afastar de suas Dioceses. O Papa pode aceitar, ou não, o pedido. "João de Deus disse que ia rezar e não marcou prazos", relembra dom Hélder. "De minha parte, não vou parar depois da aposentadoria. Havendo saúde e lucidez, continuarei com meu trabalho de bispo, no Brasil e no exterior. Recebo por ano mais de 80 convites para falar lá fora e só posso, à frente da Arquidiocese, aceitar uns cinco, por conta dos compromissos com esse povo sofrido do Nordeste."

A indefinição de João Paulo 2.º não impede que, a partir de agora, cresçam no Recife as especulações em torno dos "episcopáveis", uma palavra que dom Hélder não gosta de ouvir: "Já bastam os presidenciais", lamenta ele. Como será o sucedido, o arcebispo terá direito de indicar três nomes que serão considerados pelo Papa. Os bispos regionais também serão ouvidos, "assim como todas as forças vivas da Arquidiocese", até mesmo jornalistas, que — segundo o arcebispo — "conhecem todos os caboclos da taba". Ao término da consulta indireta o Nuncio Apostólico medirá as tendências, pesará as preferências e encaminhará os favoritos a João Paulo 2.º, a quem cabe a decisão final. "Um bispo não é apenas um homem que tenta ser virtuoso e santo. Ele tem de ter seu coração aberto a todos e, principalmente, aos mais humildes, os predileitos de Deus", diz dom Hélder, recusando-se a fazer qualquer comentário sobre o candidato de sua preferência.

Larga, sua receita se presta a todos os "episcopáveis" à espreita da nevrálgica Arquidiocese de Olinda e Recife. A corrente conservadora torce pelo arcebispo de Teresina, dom José Freire Falcão, antes cotado para o mesmo posto em Brasília, por sua crescente ligação com o governo. Sua posse significaria um corte radical na linha pastoral que dom Hélder imprimiu, há 20 anos, na Arquidiocese. A corrente de centro aposta no bispo-auxiliar José Gamartine Soares, assessor de dom Hélder há duas décadas e pessoa de sua inteira confiança. Os movimentos organizados e as comunidades de base prefeririam o bispo pernambucano de Guarabira, interior da Paraíba, dom Marcelo Carvalheira, ou o bispo de Niterói, Adriano Hipólito — conhecidos defensores de uma Igreja popular.

Se um dos três últimos "episcopáveis" alcançar o posto certamente não terá problemas de ajustamento. Dom José Freire Falcão, no entanto, enfrentará uma forte oposição se tentar apagar, abruptamente, a mais profunda marca deixada por dom Hélder: cerca de 500 comunidades de base, ativas e organizadas como o apoio de verbas enviadas por fundações católicas da Europa e dos Estados Unidos. Hoje elas envolvem desde casais de classe média até invasores de terrenos urbanos, com influência dos pescadores do litoral até os flagelados nas frentes de emergência contra a seca, no sertão. "Nesses vinte anos, a lição essencial que recolhi é que os pobres devem ser sempre ouvidos", defende o arcebispo. "Muitas vezes eles não sabem ler ou escrever. Mas sabem pensar, e pensam muito. Têm consciência, por exemplo, de que quanto maior é o projeto menos serve para os pobres. Como, por exemplo, a barragem do Açú, no Rio Grande do Norte, que desalojou milhares de pe-



"Deus me tem protegido contra o ódio", afirma dom Hélder Câmara

quenos agricultores para entregar terra irrigada para empresas multinacionais."

As mãos cortam o ar, marcando os verbos recitados com ênfase e servindo de moldura para o rosto vincado, de pálpebras macilentas e olhos pequenos e vivos. O pastor gosta de conversar, trocar idéias, ouvir — uma satisfação que lhe toma um bom tempo da rotina diária. Seu dia começa às 5 horas, com o despertador. Para não se acostumar com seu toque, muda-o de lugar a cada duas semanas. Toma um banho, barbeia-se e às 6 horas celebra na igreja de Nossa Senhora das Fronteiras, no bairro do Derby, para umas 30 pessoas. Em seguida volta à casa, um prolongamento da sacristia da igreja: uma sala de visitas, a copa — onde toma café com torradas pela manhã e come feijão, arroz e carne à noite — e o quarto de dormir. A cama é estreita, debaixo de um grande crucifixo. Ao lado da mesa com tampo de mármore, entulhada de papéis, correspondência e livros, um globo terrestre e mais um crucifixo. Uma estante, três cadeiras de palhinha, um exemplar da Bíblia e um retrato risonho de João 23. A programação do dia é variada, mas sempre contará com reuniões com representantes das comunidades de base.

"Não esqueçamos os ricos, mas temos o dever de nos preocupar prioritariamente com os pobres, com os que sofrem injustiças. Durante anos, os bispos da América Latina e do Brasil achavam que um dos deveres da Pastoral era ajudar a manter a autoridade, o governo. Isso mudou. Quando as Nações Unidas, em estudos, dizem que mais de dois terços da humanidade estão vivendo em condições subhumanas, é impossível continuar servindo de guarda dessa ordem social. Passamos a encorajar as massas na sua luta por uma vida humana. Se vivíamos perto das autoridades, de repente nos aproximamos do povo. E a Igreja se enriqueceu com isso."

Dom Hélder dorme por volta das 23 horas, depois de assistir ao noticiário da televisão, num velho televisor preto e branco. As 2 da manhã acordar, para se debruçar sobre os problemas da Arquidiocese, ler, meditar e escrever. Volta a dormir às 4 horas, para acordar às 5. O hábito da vigília pela madrugada ele cultivava desde 1931, quando ainda estava no seminário. "Aproveito para restaurar a minha unidade fragmentada durante o dia, lembro fatos. E depois a vigília é uma conversa com Deus, uma conversa franca, entre amigos que não devem ter formalidades nem cerimônias um com o outro." O hábito evitou que as ameaças telefônicas que sofreu depois de 1968 — quando chegou a ter a casa metralhada — incomodassem muito. "O telefone tocava a cada 15 minutos, pela ma-

drugada, e eu atendia, estava acordado. E sempre podia ser alguém precisando, de fato, de ajuda." Desse tempo ficaram apenas recordações: "Não guardo nenhum rancor. E não é por virtude. Mas por uma graça de Deus, que vem-me protegendo para que

jamais uma gota de ódio saia de mim. O ódio é o antiamor. E como Deus é o amor, o ódio é o anti-Deus."

Foi um tempo duro. Dom Hélder desembarcou no Recife em 11 de abril de 1964, do mesmo avião que trazia o governador Paulo Guerra. Chegava já famoso, pelo trabalho junto aos flagelados do Rio de Janeiro. No aeroporto foi recepcionado pelos comandantes militares, à frente o general Justino Alves Bastos, comandante do 4.º Exército, que dez dias antes depusera o ex-governador Miguel Arraes. No seu primeiro discurso, perante as autoridades, o arcebispo falou: "Vou visitar palácios, sindicatos e quartéis. Ninguém se escandalize se me vir acompanhado de pecadores e pessoas indignas. Com pessoas da esquerda ou da direita, da oposição ou da situação, reformistas ou anti-reformistas, revolucionários ou não. Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tentando usar-se para suas amizades e inimizades. Meu coração está aberto a todos, como o de Nosso Senhor Jesus Cristo. E, no Nordeste, Jesus Cristo se chama Zé, Antônio ou Severino."

Amigo de Castelo Branco, dom Hélder não enfrentou, de princípio, problemas com os militares — apesar de dar ajuda a perseguidos políticos, como a irmã de Arraes, Violeta, que escondeu-se no palácio episcopal dos Mangueiros até ter condições de fugir para a França. Os atritos só se avolumaram a partir de março de 1966. Convidado pelo comandante do 4.º Exército, general Francisco Damasceno Portugal, a celebrar a missa campal em comemoração aos dois anos do golpe militar, recusou-se na véspera, apesar de ter aceito uma semana antes: "A cerimônia é tipicamente cívico-militar e não religiosa. E há sérias razões para nela descobrir uma indiscutível nota política. O capelão-chefe celebrará a missa", explicou num bilhete ao general Portugal. Na manhã do dia 31 explodiram duas bombas, uma na casa do general e outra no prédio dos Correios e Telégrafos. Oficiais da linha dura tentaram envolver o arcebispo na ação terrorista, argumentando que sua ausência na missa fazia parte do plano de sabotagem da celebração do golpe. Não vingou, mas a partir daí as relações de dom Hélder com os militares e o governo só se deterioraram. O AI-5 e a censura lançaram a pá de cal.

O padre Antônio Henrique, assessor da Arquidiocese, foi assassinado por um grupo paramilitar. Centenas de militantes de comunidades de base foram presos, perseguidos e, em alguns casos, expulsos do País. Dom Hélder passou a ser a mais censurada personalidade brasileira, à medida

que intensificava sua pregação, na Europa principalmente, contra os porões da repressão militar. Um levantamento nos arquivos dos jornais do Recife dá idéia do silêncio imposto às suas declarações. De 1964 a 1968 há uma média de 200 reportagens e entrevistas. Em 1969, uma única notícia, sobre o lançamento de seu nome ao Prêmio Nobel da Paz. Em 1970, também só uma notícia, de uma audiência com Paulo 6.º. Em 1971 a censura se superou: ficaram proibidas não só as declarações de dom Hélder, como também críticas a sua atuação, em qualquer nível. A partir de 1972, porém, a censura relaxa e permite que os jornais recifenses publiquem artigos anônimos, desatando o arcebispo como "ordinário de Olinda e a Recife". A abertura de Ernesto Geisel serviu para lhe garantir, outra vez, espaços nos jornais e revistas. Sua imagem na televisão, contudo tardou. A TV Globo, por exemplo, não o mostrou — e havia ordens expressas nesse sentido — até as vésperas da viagem de João Paulo 2.º ao Brasil, em 1980.

"Muita coisa mudou depois da visita inesquecível que fez João de Deus. Umas acidentais, outras essenciais. Essencial foi o Papa ter confirmado as linhas da Pastoral da Igreja no Brasil. Ter dito aos bispos que escolheram prioritariamente os pobres que nós estávamos no caminho certo e tínhamos o seu apoio", sustenta dom Hélder.

Mudaram também as relações do arcebispo com o poder temporal, por força da presença de João Paulo 2.º. Depois de Nilo Coelho — a cujo velório compareceu — dom Hélder atravessou 8 anos sem qualquer contato com os governadores do Estado e prefeitos do Recife, solidários com o silêncio imposto sobre sua figura. Na procissão do Senhor Morto, durante a Semana Santa, onde a tradição obriga aos mandatários pernambucanos seguirem o governador, havia um constrangimento anual. Eraldo Gueiros só compareceu uma vez e cumprimentou gelidamente o arcebispo. Moura Cavalcanti, seu sucessor no governo, nunca foi. Marco Maciel, católico praticante, quebrou o gelo, conversou com o arcebispo durante a procissão e foi saudado por ele durante a missa campal.

As relações de dom Hélder com o governador Roberto Magalhães não são tão próximas como as que mantinha com Marco Maciel, mas estão longe de ser hostis. Já vai longe o tempo em que um convite ao arcebispo, para fazer uma conferência na Assembleia Legislativa, podia provocar uma ameaça geral de cassação do poder Legislativo — como aconteceu no governo Eraldo Gueiros.

Para a paz relativa ajuda a abertura política e a própria postura internacionalista de dom Hélder, em cuja agenda, além dos temas regionais, ganharam a cada ano mais espaço a corrida armamentista, a fome, a questão nuclear, a não-violência. Muda também seu discurso: "Respeito qualquer opção tomada como uma obrigação de consciência, como a dos padres que têm um forte engajamento político, chegando a participar de lutas armadas. Mas considero uma loucura alguém pensar que possa libertar o povo através da violência. Todos os exércitos da América Latina têm ligação com o Pentágono, que pode esmagar qualquer movimento de libertação. É verdade que eu não conheço nenhum país que se tenha libertado pela não-violência ativa. Mas também não conheço nenhum outro que tenha se libertado pela violência. Países da Europa, como a Polônia, ou da América Latina, como Cuba e Nicarágua, empreenderam guerras de libertação, mas depois pediram apoio a uma superpotência que agora não lhes permite escapar de sua faixa de domínio."

O velho padre ergue os braços, emoldura o rosto, aprofundando a idéia. Só há duas pessoas na sala, mas seu carisma é capaz de convencer uma multidão.